



PROFETAS, PROFECIAS E APOCALIPSE: PENTECOSTALIZAÇÃO, CORONAVÍRUS E A DEVASTAÇÃO AMBIENTAL NO BRASIL DE JAIR BOLSONARO¹

PROFETAS, PROFECIAS Y APOCALIPSIS: PENTECOSTALIZACIÓN, CORONAVIRUS Y DESVASTACIÓN AMBIENTAL EN EL BRASIL DE JAIR BOLSONARO

Francisca Eugenia dos Santos *

Resumo:

Nos últimos anos, o Brasil tem sido alvo negativo de críticas permanentes a nível internacional, não somente pelo que representou a ascensão da extrema direita representada na figura do Presidente Jair Bolsonaro, um governo que tem se caracterizado pela falta de empatia com outras nações, e uma política exterior que não obedece aos tradicionais métodos de diplomacia estabelecidos para uma boa convivência. Esse isolamento internacional do governo brasileiro é uma das questões mais preocupantes em meio a situações de catástrofes sanitárias e ambientais que vem afetando o país. Nosso principal objetivo é resgatar através de uma pesquisa bibliográfica, utilizando artigos e estudos realizados nos três últimos anos, nos quais podemos evidenciar e refletir sobre a base religiosa e política que orienta o governo de Jair Bolsonaro e impede um avanço real na contenção da pandemia do Coronavírus, e a aplicação de uma política ambiental satisfatória para enfrentar os graves problemas ecológicos que enfrenta o país.

Palavras-Chave: Brasil; Coronavírus, Pentecostalismo; Neopentecostalismo; Sustentabilidade.

Resumen: En los últimos años Brasil ha sido alvo negativo de críticas permanentes a nivel internacional, no solamente por lo que representado la ascensión de la extrema derecha representada en la figura de Jair Bolsonaro, un gobierno que se ha caracterizado por la falta de empatía con otras naciones y una política exterior que no obedece a los tradicionales métodos de diplomacia establecidos para una buena coexistencia. Este aislamiento internacional del gobierno brasileño es una de las cuestiones más preocupantes en el medio a situaciones de catástrofes sanitarias e ambientales que viene afectando el país. Nuestro principal objetivo es rescatar a través de una investigación bibliográfica, utilizando artículos y estudios realizados en los 3 últimos años, en los cuáles podemos evidenciar y reflexionar sobre la base religiosa y política que orienta el gobierno de Jair Bolsonaro e impide un avance real en la contención de la pandemia del coronavirus y la aplicación de una política ambiental satisfactoria para enfrentar los graves problemas ecológicos que enfrenta el país.

¹ Enviado em: 25.09.2020. Aceito em: 30.12.2020.

* Vice Directora del Programa de Bachillerato en Ciencias e Humanidades da Universidad de Santiago de Chile. Académica do Departamento de Lingüística y Literatura de la Facultad de Humanidades. Socióloga da PUC-SP. Maestría en Historia en la Universidad de Santiago de Chile. Doctora en Filología Hispánica en la Universidad de Valladolid, España. E-mail: francisca.dossantos@usach.cl

Palabras-Clave: Brasil; Coronavírus; Pentecostalismo; Neopentecostalismo; Sostenibilidad.

Introdução

Jesus levantou os olhos sobre aquela grande multidão que vinha ter com ele e disse a Felipe: Onde compraremos pão para que todos estes tenham o que comer?²

Embora o Brasil tenha alcançado grandes avanços tecnológicos e científicos dentro dos níveis econômicos exigidos pelo sistema mundial, carece, no entanto, de um esforço excessivo de parte de suas lideranças políticas para eliminar os aspectos de pobreza extrema e injustiça social que afeta sua população. Desde essa perspectiva, e com o objetivo de contextualizar situações precárias que levam o país a experimentar momentos dramáticos relacionados a uma das desigualdades sociais mais aberrantes do mundo, a qual se evidenciou em maior escala com a pandemia do Coronavírus, onde se revelou a cara mais cruel da pobreza do país. Essa revelação catastrófica da pandemia está relacionada diretamente com uma diferença absurda entre ricos e pobres em um país de dimensões territoriais, e populacional gigantesca, onde as soluções dos problemas chegam de forma tardia e lenta dentro da escala de valores das políticas públicas do país e do comprometimento político de suas lideranças. É incompreensível que durante uma das mais graves pandemias dos últimos 100 anos na história da humanidade vivamos um contexto socioeconômico e de crise sanitária, na qual o governo brasileiro representado na figura do Presidente Jair Bolsonaro, não exerça força institucional e estatal para solucionar, ou suavizar o sofrimento da população. Com números de mortes indecentes para qualquer país civilizado, o Brasil é cenário de uma crise humanitária, e política que se “acentua” dia a dia.

O sofrimento da população mais carente com o colapso sanitário é o resultado de erros e indiferenças de uma política de governo descomprometida com a vida e o bem-estar da população. O contexto social atual e a compreensão das políticas de saúde e sociais do governo inquietam em grande parte a oposição política, e grande parte da área científica e intelectual brasileira, sendo a mídia uma das responsáveis pela criação de um canal de conexão com a população que dão luz para denúncias, e plasmam a verdadeira realidade pandêmica, a qual o governo tenta esconder.

O trabalho da mídia tem sido de fundamental importância, não somente na procura de dados da pandemia, mas também no seguimento de ações políticas cometidas pelo governo em detrimento do bem-estar da população. É nesse sentido, que pensamos que o papel das instituições democráticas na vigilância das medidas tomadas pelo governo, é o laço que tem mantido uma “certa” lucidez dentro da tragédia humana que abala o país. Porém, como temos outras arestas que merecem nossa atenção, como a questão ambiental, que não deixa de ser um problema profundo e grave para o pacote de erros do governo Bolsonaro, optamos por uma análise e uma reflexão também religiosa e existencial, considerando o valor da vida como ponto de partida e a preservação da natureza como premissa criadora de qualquer pensamento filosófico, teológico, existencial.

Nesse sentido, a eleição de Jair Messias Bolsonaro no ano 2018, simbolizou uma esperança para uma parte do mundo religioso do Brasil. Bolsonaro foi apoiado por grande parte dos evangélicos e, dado a sua condição de defensor dos bons costumes e de uma moral social, levou para o centro de seu programa de governo o slogan “*Brasil acima de todos e Deus acima de tudo*”. Um slogan conhecido hoje por todos e que simbolizou a moralização do país através da fé de um

² João 6.5. Disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/sao-joao/6/> Acesso em: 19 de agosto de 2021.

messias personificado na figura de Jair Bolsonaro, chamado pelos seus apoiadores de “Mito” e que projetava o paraíso para o país quebrado deixado pelo PT (Partido dos Trabalhadores), segundo suas convicções.

A figura de Jair Bolsonaro nasce no meio de uma crise política e econômica, na qual a insatisfação da população brasileira foi compreendida e manipulada em favor da criação de um “salvador” que pudesse solucionar o problema maior do povo. É assim que se projeta a identidade de Jair Bolsonaro no meio do caos, das promessas e soluções. É dessa forma que um povo que se sente perdido encontra o seu salvador “[...] receoso do futuro e desejando mudanças radicais formam os ingredientes ideais para o surgimento de novos redentores no âmbito político”. Da mesma forma, afirma Raoul Girardet (1987, p. 181) “quando a ordem estabelecida parece subitamente estranha, suspeita ou hostil”, quando o ‘nós’ torna-se ‘eles’, estamos diante do momento ideal para o ‘nascimento’ do mito político”.³

Em muitos momentos da história as sociedades criaram “heróis”, e “salvadores”, que deram estímulo à população na crença de solução de problemas mais extremos. A fisionomia do salvador está intimamente ligada à opressão e à existência sem respostas que vivem muitas populações. Este é um ponto de flexão importante na análise da construção de mitos políticos e religiosos que abundam na história do Brasil, e que fazem parte também do entendimento, e das consequências da pobreza tanto no campo, como nas cidades, e metrópoles do Brasil, tão religioso, e santificado, onde as profecias e as promessas são pão de cada dia. Dessa forma, é necessário contextualizar a ascensão de Bolsonaro para que possamos estabelecer algumas contradições também de caráter religioso, que sustentaram a campanha do atual Presidente do Brasil, e que seguem sendo um fator crucial dentro da conformação de sua figura. Chamamos “contradição religiosa”, uma espécie de postura divina e cristã que acompanha Jair Bolsonaro, mas, que se contradiz com a política destrutiva de seu governo. Concretamente, nos parece que o cristianismo em todas suas facetas históricas não parece corresponder a algumas das medidas tomadas pelo governo Bolsonaro, com respeito a defesa da vida, a igualdade de direitos, e menos ainda, o respeito ao próximo.

Entretanto, sabemos que em muitas outras partes do mundo, e em muitos momentos da nossa história temos visto a ação criminosas em nome de Deus, os massacres de seres humanos por uma visão religiosa e as guerras santas em prol de um único Deus. Ou seja, o fator Bolsonaro não é uma novidade na análise histórica e filosófica de séculos passados. No entanto, quando pensamos na sociedade moderna, na representatividade cidadã, e mais ainda, na diversidade social e religiosa dos tempos atuais, Bolsonaro representa um fenômeno que merece uma atenção especial. Por certo, estamos bastante impactados com o surgimento de “outros” *Bolsonaros* em outras latitudes do mundo, e com certeza, temos o ressurgimento de uma extrema direita, que assim como Jair Bolsonaro, mantém no centro do seu discurso a intolerância social e religiosa, fundamentalismo econômico e a falta de empatia com os menos favorecidos.

O homicídio de Lübcke, o primeiro de um político em atividade na Alemanha por extremistas de direita desde a 2ª Guerra Mundial, não é, porém, um caso isolado. Segundo o relatório *À sombra da pandemia: a última chance da Europa*, ou *Peace Report 2020*,

³ AZEVEDO, Aryovaldo de Castro; BIANCO, Erica Cristina Verderio. O processo de mitificação de Bolsonaro: Messias, presidente do Brasil. Disponível em: < https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/5 > Acesso em: 18 Ago. 2021.

publicado por um grupo de institutos de pesquisa alemães em junho, o país tem o maior número de casos de violência de extrema direita na Europa.⁴

A violência política e a falta de diálogo dos grupos de extrema direita não é o centro do nosso artigo, mas, é importante mencioná-los pelo fato de que certamente podemos compreender a relação desses grupos extremistas e do governo de Bolsonaro no tratamento de questões importantes e que tem mantido a atenção dos líderes mundiais como as temáticas ambientais. Infelizmente, para a sociedade brasileira a ascensão de Bolsonaro em 2018 e sua política de desmantelamento de projetos sociais e ambientais coincidiram com a aparição de uma das pandemias mais letais dos últimos 100 anos. No entanto, o panorama do desastre humanitário e ambiental que assola o Brasil é de tal magnitude que nos inspira a ampliar nossos horizontes de pesquisa e ir muito além dos fatores econômicos e sociais, aprofundando-nos na espiritualidade do povo brasileiro e da sua “esperança divina”, que é um elemento culturalmente evidenciado no apoio de 57 milhões de brasileiros (Eleição 2018) ao atual presidente. Desse modo, será possível construir uma pequena radiografia do Brasil atual, tentar compreender os acontecimentos sociais, religiosos, econômicos e ambientais que faz o Brasil de hoje transformar-se nesse foco de ameaça para a América Latina e para o resto mundo.

Brasil: a pentecostalização e suas contradições filosóficas e religiosas

Não ajuntem tesouros aqui na terra, onde as traças e a ferrugem os destroem, e onde os ladrões arrombam casas e os furtam. Ajuntem seus tesouros no céu, onde as traças e ferrugem não destroem, e onde os ladrões não arrombam nem furtam!”⁵

O desafio de reunir em um mesmo espaço os diagnósticos do governo, sua política destrutiva e negacionista no combate a pandemia, o papel de algumas igrejas pentecostais e neopentecostais e o apoio permanente entregue por uma parte da população brasileira ao Presidente Jair Bolsonaro, mesmo diante da tragédia causada pelo Coronavírus, nos remete a uma tentativa de compreender as origens desse panorama sociopolítico “caótico” que vive o país. O desafio de uma reflexão dessa natureza em um momento de tragédia humana, como a que se vive no Brasil, é tentar recuperar os aspectos sociais historicamente conhecidos, e reuni-los para compreender as suas causas. Os fatores do fracasso no combate a pandemia podem ter, em parte, a sua origem também nas penúrias da população mais carente.

Embora o Brasil tenha uma população carente que viva excluída e em péssimas condições de moradia e de saneamento básico, impossibilitada de cumprir com as medidas de combate a pandemia dentre as quais, o distanciamento social e a lavagem das mãos, são ações impossíveis de realizar-se. Tentaremos reconstruir alguns aspectos da história social mais recente do Brasil para estabelecer possíveis analogias que nos remetam para a perspectiva da intolerância religiosa, a polarização política e os obstáculos sociais e políticos que impediram e ainda impedem uma ação eficaz no combate a pandemia e suas consequências.

A pobreza urbana no Brasil, por exemplo, é fruto do desenfreado desenvolvimento industrial de décadas anteriores que afetou a população rural e estabeleceu um crescimento urbano sem precedentes na história do país. Todos esses fatores somados a um crescimento demográfico

⁴ BONIS, Gabriel. O extremismo de direita que cresce no mundo e assusta a Alemanha. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53197469>. Acesso em: 22 de Ago. 2021.

⁵ Mateus 6.19-20. Disponível em: <https://www.bible.com/pt/bible/1930/MAT.6.19-21.NVT>. Acesso em: 19 de Ago. 2021.

exacerbado nos fazem caminhar para diagnosticar que a iniquidade social foi se fortalecendo à medida que o descontrole urbano foi se impondo. É bom lembrar que o êxodo rural da década de 60 transformou as cidades e a vida dos seus habitantes com a chegada de um grande número de migrantes rurais. “O aumento da população e a ampliação das cidades deveria ser sempre acompanhado do crescimento de toda a infraestrutura urbana, de modo a proporcionar aos habitantes uma mínima condição de vida.”⁶

Não é difícil concluir que a falta de planejamento urbano será um dos tantos vértices do processo de empobrecimento da população rural e da sua luta por acomodar-se na cidade grande. Essa luta foi travada por milhares de famílias que fizeram parte dos deslocamentos campo-cidade dos anos 60 e 70 principalmente, mas que seguem até os dias de hoje. Os problemas urbanos surgidos a partir desse fenômeno marcaram profundamente a constituição das cidades e as relações sociais entre essa população novata que dará início a uma periferação territorial, onde vemos a explosão das favelas como a principal consequência da falta de moradia para todo este contingente populacional.

As consequências estruturais desse processo explicam como as periferias serão focos das desintegrações familiares, da aparição da violência urbana aguçada pelo narcotráfico, a criminalidade desenfreada, e principalmente da extrema pobreza. Assim, podemos compreender como a carência econômica e social dessa população urbana, agrupada nas periferias, será utilizada por vários grupos de interesses políticos e religiosos na apropriação dos desejos, e das aspirações materiais e espirituais dessa população. O período de crescimento do pentecostalismo, e do neopentecostalismo no Brasil mudou drasticamente a o quadro religioso no Brasil, justamente no momento de explosão urbana. Dito isso, importante é conhecer o caminho do maior grupo religioso, ou como se denomina no Brasil a igreja com maior número de fiéis, que é a Igreja Universal do Reino de Deus. Ela não somente tem mudado os paradigmas da evangelização no Brasil, mas, também, tem feito uma leitura muito particular da bíblia. Este aspecto nos interessa enormemente para desenhar o atual momento sócio-político brasileiro. Certamente, o espaço do artigo não nos permitirá recuperar todos os dados históricos para ilustrar a origem do pentecostalismo no Brasil, mas é possível mencionar os anos de maior adesão dos brasileiros ao movimento religioso e a mudança discursiva das igrejas pentecostais que se instalaram no Brasil:

[...] Ao longo dos últimos cem anos, a expansão pentecostal no país contribuiu para transformar o campo religioso brasileiro, para consolidar o pluralismo religioso e para constituir um mercado religioso competitivo no país. O avanço pentecostal no Brasil desde 1910 contribuiu para intensificar o declínio numérico da Igreja Católica e da Umbanda e para “pentecostalizar” parte do protestantismo histórico e do próprio catolicismo.⁷

Uma das razões pelas quais é importante situar historicamente o advento das igrejas pentecostais no Brasil é poder transitar entre as necessidades das populações, as quais essas igrejas tiveram como alvos, e como puderam conquistar este público eleito através de suas soluções espirituais. Nesse sentido, a eficiência do capitalismo, desde finais do século XIX, nos permitirá reconhecer que a desigualdade social da humanidade irá ostentar-se na prática de ações neoliberais, onde os grandes grupos econômicos terão a dianteira nesse processo. Não deixa de ser

⁶ UGEDA JÚNIOR, José Carlos. Urbanização brasileira, planejamento urbano e planejamento da paisagem. Disponível em: <<http://www.ambiente-augm.ufscar.br/uploads/A2-151.pdf>>. Acesso em: 19 de Ago. 2021.

⁷ MARIANO, Ricardo. Entrevista para Revista do Instituto Humanitas Unisinos IHU online em 17 de maio de 2010 – (Edição 329). Pentecostalismo no Brasil. Cem anos. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/329> Acesso em: 24 de Ago. 2021.

interessante, poder localizar de forma concreta que o crescimento das igrejas pentecostais é exatamente nos períodos de maior apogeu do neoliberalismo. Em pleno século XXI, e nessas primeiras décadas, quando o modelo econômico começa a dar sinais de esgotamento, ainda não é prioridade entender seus mecanismos e contradições.

A capacidade do neoliberalismo no seu anseio desenfreado por disseminar uma ideologia política condicionada pela economia de mercado nos faz refletir sobre os seus verdadeiros interesses em termos sociais. Essas populações carentes, as quais podem ser consideradas vítimas desse sistema, pela sua existência permanente, característica principal do crescimento globalizado, que vão muito além das fronteiras das favelas do Rio de Janeiro, das “villas miserias” de Buenos Aires, dos acampamentos de Santiago do Chile, dos “mesones” de América Central e do Caribe e compreendem uma massa compacta em todos os países do mundo. Pode-se refletir acerca desta questão de forma mais ampla:

[...] el fenómeno y el proceso del neoliberalismo que caracteriza al naciente siglo XXI y no la cuestión del liberalismo como ideología política que nació enfrentada al conservadurismo; sin dejar de reconocer el papel estratégico, táctico, histórico, político y sociológico que ambas ideologías han desempeñado en la civilización occidental”.⁸

Ou seja, o liberalismo com seu conservadorismo foi enfrentado pelo neoliberalismo, onde a democracia e a liberdade foram as palavras-chaves de um movimento econômico que através dos seus fetiches dolorosamente violentos, foram pautados no lucro e na acumulação de riquezas além da fantasia explícita do bem-estar comum desde um Estado estruturado por um pilar econômico.

Dessa forma, a pauperização da vida nas comunidades mais carentes das capitais brasileiras, abarrotadas de sonhos e esperanças de um crescimento próspero, cenário que reunirá a fertilidade necessária para o desenvolvimento de uma estratégia eficiente das igrejas pentecostais na captação de fiéis e a ampliação do mercado religioso, tal como afirma o sociólogo Ricardo Mariano:

[...] O que, por sua vez, possibilitou a formação e consolidação do pluralismo e de um mercado religioso. Nos planos social e econômico, a enorme desigualdade social, a explosão da violência e da criminalidade urbana, as altas taxas de pobreza, a elevada proporção de lares monoparentais, chefiados por mulheres pobres, a precariedade da situação de grande parte dos trabalhadores no mercado de trabalho, sobretudo no informal, favorecem uma religião que tende a direcionar sua missão de salvação aos sofredores e desprivilegiados.⁹

Reunindo muitas das características que certamente contribuíram para o crescimento das igrejas pentecostais nas periferias das capitais brasileiras, nos parece que à medida com que essas populações se empobreceram foi muito maior a necessidade de programas sociais por parte dos governos. Infelizmente, no caso do Brasil, o que temos visto é a carência desses programas sociais, e de uma política de Estado que não tem chegado às comunidades mais carentes. De modo que as igrejas pentecostais puderam ocupar abertamente este espaço entregando ajuda e “suposta” proteção a essas famílias. Nossa ideia não é fazer um juízo de valor com relação à ajuda entregue por estas organizações, e muito menos rejeitá-las, mas sim, com muito cuidado, entender a vulnerabilidade da população, de suas necessidades e da falta de horizonte, como campo fértil para

⁸ VARGAS. Hugo Arturo Cardoso. El origen del neoliberalismo: três perspectivas. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/676/67601812.pdf> Acesso em: 19 de Ago. 2021.

⁹ MARIANO, Ricardo. O pentecostalismo no Brasil, cem anos depois. Uma religião dos pobres. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao329.pdf>. Acesso em: 22 de Ago. 2021.

o desenvolvimento da fé, da esperança e também da implantação de novos paradigmas, como, por exemplo, as retóricas presentes na teologia da prosperidade.

Durante os anos 90, como já mencionamos, os valores do capitalismo neoliberal foram difundidos e praticados de forma eficiente. E podemos ver:

A partir da década de 1990, a sociedade brasileira passou a difundir com mais ênfase pelos meios audiovisuais e impresso os valores capitalistas do empreendedorismo neoliberal. No período, merece destaque o papel do desempenho individual nas conquistas materiais.¹⁰

A teologia da prosperidade, filosofia que tem pregado uma fé relacionada com as benções financeiras, saúde e poder, tem sido a base desse grande contato com as comunidades e a população, principalmente a mais vulnerável. A Igreja Universal do Reino de Deus é uma das igrejas que mais cresceu, tanto em número de fiéis como em patrimônio material, onde grande parte de seus investimentos tem sido nos meios de comunicação. Este último tem facilitado a divulgação através de canais de televisão, rádio e mídia em geral, da propagação de seus princípios desde o slogan “*Deixe de sofrer*”, assim como de sua cura divina e libertação do mal.

O slogan “*Deixe de sofrer*”, tem significado, sem dúvida, um grande projeto de aproximação com as classes sociais mais pobres e vulneráveis, quando ao observar o seu contexto de necessidades e de desesperança tornam-se presas fáceis para a crença, a prática e a entrega despojada, transformando seus projetos de vida, em projetos da igreja, em busca da riqueza prometida. Nessa perspectiva, é importante mencionar que além das contradições de um projeto espiritual distante da construção de uma visão pentecostal, plasmada em igrejas como Assembleia de Deus que é a que conta com maior número de membros em todo o Brasil, também da histórica Igreja Batista e a Igreja Presbiteriana do Brasil, que são igrejas que diferem das leituras feitas pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

Muitos estudiosos e a opinião pública em geral designam como “novos evangélicos” a grupos que se apropriam dessas novas experiências com Deus e culminam com contradições monetárias e materiais, definindo esses novos tempos do pentecostalismo como “a fé é definida pelos objetos”. Nem todas as igrejas que são classificadas como pentecostais estão de acordo com esta postura. E no centro do movimento existe todo um questionamento, e até bastante dividido que giram em torno desse “negócio de Deus” – onde a teologia da prosperidade encoraja aos fiéis a entregar tudo o que possuem para quebrar maldições, e serem curados pelos benefícios materiais. A proporção de ofertas das igrejas pentecostais são cada vez maiores, e atraem pastores e lideranças cada vez mais empenhados em salvar famílias e alentar fiéis na entrega de suas oferendas, e dízimos altíssimos na espera da salvação.

Um dos maiores críticos da Igreja Universal do Reino de Deus é o pastor protestante, escritor e teólogo Augustus Nicodemus, que nos deixa muitas arestas de reflexões em seus comentários assim como é possível observar no artigo “Os novos evangélicos”, publicado na revista da Igreja Presbiteriana do Brasil no ano de 2010.

¹⁰ VENDRAMINI, Fernanda Gallo. A Teologia da prosperidade e o discurso da Igreja Universal do Reino de Deus. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/semanacsoc/pages/arquivos/GT%201/Fernanda%20Vendramini%20Gallo.pdf>. Acesso em: 22 de Ago. 2021. Coincidentemente, nos atrevemos a pensar que a “prosperidade” – dom de Deus e valor central do novo modelo econômico se ampliarão na propagação e difusão do “ser pobre” e “ser rico”, nessa nova sociedade nascida à luz do Neoliberalismo.

[...] Achei que o título do artigo na capa é um equívoco histórico, pois “novos evangélicos” se aplica mais exatamente a grupos como a IURD, Renascer e Igreja Mundial e não aos que estão reagindo a estes grupos. Eu não me considero um “novo evangélico” e sim um bem antigo, com raízes históricas na Reforma do séc. XVI e teológicas nas Escrituras Sagradas. Não tem nada de “novo” em nosso desejo de ver o antigo Evangelho ser pregado corretamente em nossa pátria. Estas seitas é que chegaram ontem. Todavia, entendo o autor. Estes grupos neopentecostais cresceram tanto e influenciaram tanto a mídia e a opinião pública que viraram o padrão. Eles é que são os “evangélicos”. Quem não é como eles e quer mudanças é visto como o novo, a novidade.¹¹

Nessas palavras temos muito que aprofundar, mas infelizmente não temos um espaço tão amplo, mas existe algo que não podemos deixar passar, que é o fenômeno das “novas” igrejas, dos “novos” evangélicos, e também parece de “novos evangelhos”. O professor Augustus Nicodemus desde suas pesquisas, estudos e prática tem dado a conhecer a percepção e responsabilidade dos fiéis a esta a ação social e religiosa chamada Igreja Universal do Reino de Deus, que tanto ganha espaço no Brasil, e também se espalha pelo mundo.

As igrejas “pentecostais”, e entre aspas destacamos, fazem da fé um negócio, e provavelmente diminuem a obra de Deus, e do espírito santo a uma materialização acentuada e ostentosa, na qual somente através dela podemos livrar-nos dos demônios. Muito além das polêmicas, e das contradições encontradas na base, e nas raízes do nascimento de igrejas como a Universal do Reino de Deus, é de fundamental importância entender também como a IURD lentamente vai se relacionando com a esfera política, e expandindo os seus negócios por diferentes classes sociais, onde pastores, políticos e empresários serão confundidos dentro de uma grande mesa de ofertas comerciais, e místicas. Essa lógica imbuída pelo poder que dá ao dinheiro em um modelo econômico neoliberal marcado pelo livre mercado, e pela concorrência entre os protagonistas. Esse panorama não será diferente dentro do grande mercado da fé, onde constantemente é cultivada a atuação de espíritos de acordo a terapias, a cultos de possessões demoníacas, onde os verdadeiros “endemoniados”, somente serão salvos com uma parte dos seus sacrificados salários entregues as igrejas. Esse discurso tem feito da Igreja Universal do Reino de Deus, um verdadeiro hospital de doentes, que procuram a cura milagrosa em seus templos. O importante para finalizar este tópico é afirmar que esta receita tem dado certo, e que segundo pesquisa do Datafolha do ano 2015:

3 em cada 10 brasileiros, com 16 anos ou mais são evangélicos. Deste número 22% são pentecostais e pertencem a igrejas como Assembleia de Deus, Igreja Universal do Reino de Deus, Congregação Crista e Igreja do Evangelho Quadrangular, já outros 7% pertencem a outras ramificações do protestantismo, como a igreja Batista, Metodista e Presbiteriana chamadas evangélicas históricas.¹²

A expansão dos evangélicos é, sem dúvida impressionante em matéria de fiéis, a pesquisa do Datafolha também mostra quais são as regiões onde se concentra a maior parte dos evangélicos no Brasil. Sendo que metade dos evangélicos estão na região sudeste, seguido pelo nordeste, norte e sul e por fim o centro oeste. Esses dados nos permitem também compreender que os grandes núcleos geradores de propagação de tais igrejas estejam em São Paulo e Rio de Janeiro como é o

¹¹ NICODEMUS, Augustus. Novos Evangélicos. Entrevista. Disponível em: <http://temporales.blogspot.com/2010/08/novos-evangelicos.html>. Acesso em: 22 de Ago. 2021.

¹² DATAFOLHA. Evangélicos são ex-católicos. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2016/12/1845231-44-dos-evangelicos-sao-ex-catolicos.shtml> . Acesso em: 22 de Ago. 2021.

caso da Rede Record de Televisão. Esse movimento de fé ou tele evangelismo, levantou também percepções com respeito a realidade social e política, e aqui, estamos dando passos para a compreensão dos valores morais, religiosos e ideológicos propagados na sociedade brasileira atual. As lideranças evangélicas não somente têm participado do poder político como também tomam parte dos grandes ricos do país com fortunas milionárias. Algo bem diferente de uma boa parcela dos fiéis que os acompanham em sua grande maioria pobres, sem escolaridade e periféricos. No caso de Edir Macedo que tem uma fortuna declarada de 2 bilhões de dólares segundo a Revista Forbes, certamente, seu envolvimento com a política tem o grande objetivo de seguir aumentando sua fortuna e o número de fiéis que constituem uma base eleitoral importante.¹³

No entanto, os evangélicos e sua participação política brasileira nos inspiram na compreensão da ascensão de Jair Bolsonaro que envolve uma série de segmentos da sociedade e os desafios para enfrentar tal temática nos leva a desdobramentos históricos que compõem as raízes conservadoras da cultura brasileira. Nesse sentido, não é de se surpreender que dentro desse emaranhado de contrastes, a teologia da prosperidade é a grande responsável pelo “boom” evangélico “A teologia da prosperidade é o carro chefe das igrejas neopentecostais. Milhares de pobres – classe dominante nestas igrejas – atraídos pela ideia de que irão enriquecer, com frequência, estimulados a serem empresários ou empreendedores. A teoria é originária dos Estados Unidos e surgiu na década de 40 do século passado em alguns setores carismáticos, difundindo-se entre outros grupos”.¹⁴ Leva-nos a pensar que dentro dessas grandes corporações religiosas um dos objetivos também seja o enriquecimento de suas lideranças e o aumento de seu patrimônio.

A leitura feita do evangelho nos permite entender diferentes contrastes e interpretações sobre o grande protótipo historicamente criado em torno do “ser cristão”. Esse é um ponto importante para compreender questões acerca da inclusão social, da solidariedade, de amor ao próximo e, finalmente, e de apoio aos menos favorecidos conforme o ilustrado na figura de Jesus Cristo. A difusão do ideal bolsonarista surpreende com sua grande profecia de “salvação”, “caminho do paraíso” e “moralização” do país, ainda que distante dos valores bíblicos. Isso tem levado o país a um caos institucional onde a política e a “graça divina” se afastam dos valores cristãos em muitos ângulos de observação. As práticas sociais dessa “pentecostalização” no Brasil têm desenhado um panorama de incongruências que merecem seguir sendo analisadas.

Pandemia e pandemônios: a cara do coronavírus no brasil

Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos céus; bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados; bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra; bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos; bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia; bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus; bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus.¹⁵

Escrever enquanto a realidade sociopolítica vai mudando e evoluindo exige certo controle emocional quando tentamos observar o contexto social brasileiro no ano de 2021 no meio de uma

¹³ Com fortuna de R\$2 milhões, Edir Macedo é o pastor evangélico mais rico do Brasil. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/517059-com-fortuna-de-r-2-bilhoes-edir-macedo-e-o-pastor-evangelico-mais-rico-do-brasil-diz-revista>. Acesso em: 22 de Ago. 2021.

¹⁴ VIEIRA, Jhennifer de Almeida. A ascensão e influência das igrejas pentecostais no Brasil. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/explicado/2020/04/19/A-ascens%C3%A3o-e-influ%C3%Aancia-das-igrejas-neopentecostais-no-Brasil>. Acesso em: 22 de Ago. 2021.

¹⁵ Mateus 5.3-9. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/aa/mt/5/3-9>. Acesso em: 22 de Ago. 2021.

situação sanitária grave e que já tem custado a vida de mais de 500 mil brasileiros tendo como causa a pandemia do Coronavírus. Diante dessa situação lamentável e constrangedora para o governo brasileiro, e principalmente dentro de seu fundamentalismo religioso, começamos este tópico remetemo-nos a apontar as contradições de algumas ações políticas e práticas diárias, recordando o slogan “*Deus acima de tudo, o Brasil acima de todos*” que tem que guiado o atual governo. Perguntamo-nos: Onde estão os bem-aventurados?

O presidente Jair Bolsonaro e o governo federal têm sido catalogados como um dos piores no enfrentamento da pandemia a nível mundial. Segundo o Instituto Lowy, da Austrália, que analisou a gestão em 98 países. De acordo com os seguintes critérios: mortes confirmadas; casos confirmados; casos por cada milhão de habitantes; mortes por milhão de habitantes; casos em proporção à testagem; testes por cada mil habitantes. No ranking, Nova Zelândia ficou em primeiro lugar e o Brasil na outra extremidade. “Na outra extremidade do ranking, em último lugar, aparece o Brasil, com mais de 220 mil mortes confirmadas, provável subnotificação de casos e um governo de extrema direita que, durante toda a pandemia, minimizou seus perigos e ignorou as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS)”.¹⁶

A pandemia do Coronavírus não tem sido fácil para nenhum governo do mundo. Os desafios do desconhecimento a partir dos primeiros casos e da particularidade pandêmica que historicamente nunca tínhamos vivido constituíram um grande desafio para ciência e para os líderes mundiais. De modo, tornou-se tanto para os cientistas como para todos os segmentos da sociedade um tema de prioridade. No entanto, parece que para o governo eleito com o voto popular dos brasileiros em 2018, a pandemia, e sua letalidade foi ignorada por uma visão negacionista e mais ainda a sua intensa desqualificação à ciência. Mas, o que surpreende por parte do governo de Jair Bolsonaro e que está nas capas das revistas mais importantes do mundo, é a sua falta de empatia com as vítimas da COVID-19. Tentando compreender esse fato “incompreensível”, supomos que reconhecer a pandemia seria uma grande carga para o governo dentro de suas bases ideológicas e seu caráter negacionista, um aspecto transversal das correntes políticas que apoiam ao governo. Deste modo:

Por certo, o negacionismo no que concerne à pandemia sempre esteve presente nos atos e nas falas presidenciais desde antes de abril de 2020, bastando recordar suas inúmeras declarações espalhafatosas a respeito da gripezinha e da suposta histeria da mídia acerca dos efeitos superdimensionados do vírus. O aspecto que somente aos poucos foi se revelando é que o negacionismo de Bolsonaro quanto à pandemia constituiu, desde o princípio, uma política de caráter autônomo e eficaz, e não mero diversionismo.¹⁷

Além da “gripezinha”, Bolsonaro também ousou imitar os efeitos da doença na respiração dos pacientes, além de ir contra as medidas e protocolos para evitar o contágio como o distanciamento social, o uso de máscaras, e de álcool gel. Também somado a isso as inúmeras aglomerações que tem causado o presidente em diferentes ocasiões, provocando rejeição por partes dos setores mais progressistas da sociedade brasileira. O comportamento e a conduta do mandatário, assombra a opinião pública nacional e internacional, aos cientistas e aos profissionais da saúde e mantém o mundo perplexo diante de um líder que tem como prática “negar a realidade científica”. Este negacionismo ligado ao slogan “*Deus acima de tudo, e o Brasil acima de todos*”,

¹⁶ O Brasil fez a pior gestão do mundo na pandemia. Disponível em: <https://cnts.org.br/noticias/brasil-fez-a-pior-gestao-do-mundo-na-pandemia-diz-estudo/>. Acesso em: 22 de Ago. 2021.

¹⁷ DUARTE, Macedo. Negação da Política e Negacionismo como política: Pandemia e democracia. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/DsjZ343HBXtdVvSJcgmX3VS/?lang=pt>. Acesso em: 23 de Ago. 2021.

entregava esperança e comovia a população pela grandeza das palavras e da emblemática religiosidade que carregava. A frase tem origem nos anos 70 na Brigada de Infantaria Paraquedista. É uma saudação antes dos saltos. Ao entrar em uma unidade paraquedista se dizia:

‘Brasil’, assim a Guarda respondia ‘ACIMA DE TUDO’. Ao caminhar pelas instalações via-se estampado em várias paredes e documentos essa frase que na época não tinha nada de slogan político, era apenas um brado nacionalista.¹⁸

Até hoje os comandantes de diversos escalões costumam fazer esse tipo de saudação. Deste modo, Jair Bolsonaro está muito próximo de sua identidade militar com o presente slogan. Por outro lado, é importante esclarecer que a segunda frase “Deus acima de tudo” – segundo o tenente Montenegro:

[...] o segmento evangélico sempre ficou muito incomodado quando, durante as corridas alguém puxava “BRASIL ACIMA DE TUDO”, imediatamente sempre aparecia alguém dizendo “ABAIXO SOMENTE DE DEUS”; provavelmente o Bolsonaro também se lembrava disso. A grande sacada dessa campanha foi ter conseguido acomodar complementado com “DEUS ACIMA DE TODOS”, que passou a ecoar também nas corridas dos militares.¹⁹

Uma união sábia e profética que fez com que Bolsonaro fosse aceito e apoiado por setores militares e segmentos evangélicos em um único e característico espaço. Todavia, o slogan - “Brasil acima de todos”, ao que parece, não incluía a população brasileira como um todo. O “acima de tudo” muitas vezes se refere à classe política na qual se incluem muitos dos protegidos como os seus próprios filhos: Carlos, Flávio e Eduardo. Esse clima de destruição generalizada acompanhada de um hermetismo notável entre a sociedade civil, a mídia e o governo têm gerado uma atmosfera peculiar.

O primeiro grande impasse do governo nesse momento pandêmico foi com o Ministro da Saúde, à época, Luiz Henrique Mandetta, em junho de 2020, quando o mesmo foi alvo de hostilidade por parte do governo. Com a saída do ministro, demitido por conscientizar a população dos perigos da pandemia, assistimos a uma série de desastrosas situações de conflitos entre o governo federal e os governos estaduais e municipais desesperados com os efeitos dos contágios, o colapso hospitalar e finalmente a morte dos pacientes. Um dos fatos lamentáveis neste relato é que enquanto estamos escrevendo, passados já mais de 15 meses do primeiro caso, ainda temos os efeitos dessa política desastrosa. Infelizmente o Brasil caminha lentamente para entrar no mapa da fome e hoje mais de 14,5 milhões de famílias estão em situação de insegurança alimentar. É inacreditável o número de campanhas sociais que se criaram no Brasil para alimentar todas essas famílias. Com a pandemia houve uma escalada dos empregos ou serviços informais. Por extensão, igualmente, uma maior visibilidade das precárias moradias e condições insalubres de vida.

A falta de alimentos e o aumento da extrema pobreza se tornaram realidade para 14,5 milhões de famílias brasileiras. O número de famílias na miséria registrado em abril de 2021 é o maior da série histórica do Ministério da Cidadania, iniciada em agosto de 2012.²⁰

¹⁸ MONTENEGRO, Fernando. De onde vem o slogan “Brasil acima de tudo?” Disponível em: <https://jornalhoraextra.com.br/coluna/de-onde-vem-o-slogan-brasil-acima-de-tudo/>. Acesso em: 23 de Ago. 2021.

¹⁹ Idem.

²⁰ Brasil: 14 milhões de famílias na pobreza extrema, fome volta a mesa. Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/noticias/brasil-com-14-milhoes-de-familias-na-pobreza-extrema-fome-volta-a-mesa/>. Acesso em: 23 de Ago. 2021.

Ao que parece os problemas sociais estão longe apenas das razões políticas do governo de Jair Bolsonaro. Isso não significa que o governo federal não tenha feito esforços para gerar um auxílio emergencial para os mais vulneráveis na crise. Um auxílio emergencial que chegou de forma tardia e que não cobria todas as necessidades para quem se encontrava na extrema pobreza. Bolsonaro jamais criou uma política pública de combate à pandemia. Os erros cometidos e os resultados desastrosos nos levam a pensar que ao contrário do slogan - “Deus acima de todos, Brasil acima de tudo” há um distanciamento dos propósitos e preocupações em um governo preocupado com a sua população.

Bolsonaro foi eleito graças a criação da imagem de um Messias. Um enviado de Deus que iria solucionar os problemas do Brasil. Esta “desordem” segundo acreditava uma parte da população, teria sido cometida pelo Partido dos Trabalhadores. Não obstante, se pensarmos que um Messias tem como meta a salvação do seu povo, de acordo com estudos antropológicos e contribuições históricas, o “mito”, como é também chamado pelos seus seguidores mais próximos, deveria, ao contrário deste, ter construído um governo pautado em diretrizes de superação de uma sociedade supostamente “moralizada” e eticamente constituída. Jair Bolsonaro, o “Messias”, representante da extrema direita e apoiador da ditadura militar, sempre se colocou como oposição aos governos ligados ao Partido dos Trabalhadores. Aliás, “quando teve início os protestos contra o governo de Dilma Roussef, se posicionou como um dos grandes protagonistas, defendendo os valores da família, a luta contra a corrupção e o chamado risco de uma ditadura comunista.”²¹

As promessas messiânicas coadunam-se com o ressurgimento da extrema direita ao redor do mundo e também com a eleição do Presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, no ano 2016, que permitiu a humanidade conhecer os traços mais drásticos de intolerância e da falta de diálogo com setores distantes de um mesmo espectro ideológico, mas, eleitos democraticamente. Longe de políticas conciliadoras e projetos sociais que pudessem contribuir com uma sociedade mais sustentável, as práticas e ações dos governos de Trump e Bolsonaro coincidiam em muitos dos seus valores e ideologias.

O mundo pôde ver nesse período os Estados Unidos retirar-se de importantes pactos globais de importância fundamental para a preservação da espécie humana e também assistir atônicos, inúmeras grosserias, torpezas e desequilíbrios no tratamento dessas questões fundamentais para o futuro do planeta e da humanidade. Coincidentemente, dado essa particular situação sociopolítica eclode o novo Coronavírus. Uma pandemia que desencadeou uma crise mundial que exigiu dos governos a necessária estabilidade emocional e política para enfrentar uma crise sem precedentes.

O Presidente Jair Bolsonaro também tem ensejado agressões a imprensa. Seu comportamento é revelado através de descontroles no ataque a jornalistas, em geral mulheres, e uma agressividade incomensurável que assusta e projeta características de uma figura com um caráter ditatorial ao dirigir-se aos jornalistas. “Visivelmente irritado, Bolsonaro também mandou pessoas “calarem a boca”, reclamou da emissora CNN Brasil e disse que não falaria à Globo, além

²¹ Uma análise da construção de imagem por meio de estratégias da mitologia. Disponível em: <Nacionalismo exacerbado Mito R14-1692-1.pdf>. Acesso em: 23 de Ago. 2021.

de repetir mentiras sobre tratamento precoce contra a covid-19, tratamento que atualmente não existe”.²²

Esse tratamento não contribuiu positivamente no combate da pandemia. Tampouco, foi capaz de projetar uma imagem de estabilidade institucional do país. Por outro lado, em um momento em que o país atingia a marca de 500 mil mortos, uma cifra desmentida pelo Presidente por considerar que a imprensa mentia, é, no fundo, algo que tem mais a ver com a conduta do próprio presidente que dia após dia utiliza suas redes sociais para difundir opiniões, declarações de caráter suspeitosas, interrompendo a transparência na entrega de dados, e criando uma realidade fantasiosa. O clima de desconfiança criado, no qual a imprensa assumiu a tarefa de coleta de dados da pandemia, tem retroalimentado o país e o mundo com as dolorosas cifras de mortos, de contágios, e da lenta vacinação. “A entrevista coletiva aconteceu dois dias depois de o Brasil ter atingido a marca de 500 mil mortos pela pandemia e de manifestações de rua que pediram o impeachment do presidente e mais vacinas, entre outras pautas.”²³ Por outro lado, é importante mencionar que a situação pandêmica no Brasil chegou a tal ponto que para ter acesso a dados reais da pandemia os meios de imprensa criaram um Consórcio de Imprensa para poder informar a população. Este Consórcio tem buscado informações acerca dos dados desde o início da pandemia, pois as informações descortinados pelo Ministério da Saúde, não raro, se encontram desatualizadas.

A desorganização ou “desgoverno” tem caracterizado a gestão do Presidente Jair Bolsonaro. Esta constatação contrasta com o ideal “messiânico” ensejado pela sua figura. Vale lembrar que desde a demissão de Luiz Henrique Mandetta, o Brasil já teve 3 Ministros da Saúde. Seguindo por estas trilhas trágicas que como vimos significou mais de 500 mil mortes no Brasil, o país entrou em uma nova etapa com a abertura da CPI (Comissão Parlamentária de Inquérito) da Covid-19 ou CPI da pandemia, criada para investigar as ações do governo federal e a situação sanitária. A CPI composta por 18 integrantes teria a duração de 2 meses e meio, desde o dia de sua criação 27 de abril de 2021. O governo federal não esteve de acordo com a abertura da CPI. O mais relevante é considerar que o trabalho da CPI foi avançando com a descoberta de corrupção na compra de vacinas e também na existência do que se chamou “Gabinete Paralelo”, que assessoraria o Presidente na compra de medicamentos sem aval científico, podendo, por extensão, constituir evidências de omissão e crimes contra saúde pública.

[...] O ex-presidente da Pfizer no Brasil e atual CEO para América Latina, Carlos Murillo deu detalhes da negociação da empresa com o governo Bolsonaro. Segundo ele, o governo não respondeu a três ofertas de 70 milhões de doses de vacinas da Pfizer em 2020. Murillo disse que as ofertas, feitas em 14, 18 e 26 de agosto de 2020 foram simplesmente ignoradas.²⁴

Brasil: a questão ambiental e os obstáculos para a criação de uma sociedade sustentável

Tomou, pois, o SENHOR Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar. E o SENHOR Deus lhe deu esta ordem: De toda árvore do jardim comerás

²² CRUZ, Isabela. O descontrole de Bolsonaro diante de perguntas da imprensa. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/06/21/O-descontrole-de-Bolsonaro-diante-de-perguntas-da-imprensa>>. Acesso em: 23 de Ago. 2021.

²³ Idem.

²⁴ CPI da COVID: Executivo da Pfizer confirma que governo Bolsonaro ignorou ofertas de 70 milhões de doses de vacinas. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57104347>>. Acesso em: 23 de Ago. 2021.

livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás.²⁵

A temática ambiental tratada dentro do governo de Jair Bolsonaro já deu a volta ao mundo. Os slogan religiosos, a moralização e a suposta “ética” do governo não passa pela proteção da Floresta Amazônica e, tampouco, pela proteção das populações indígenas, e, por certo, nenhuma preocupação existe com as mudanças climáticas. Obviamente, um governo que tem uma base negacionista não estará do lado da ciência quando essa se empenha em mostrar as evidências do aquecimento global e do efeito estufa. Estes conceitos, provavelmente, para os pertencentes ao grupo mais próximo dos que apoiam o presidente Jair Bolsonaro se vinculam a temáticas ideológicas. O problema ecológico dentro do atual governo brasileiro ocupa um espaço “quase” nulo, quando o seu principal fim é um paradigma desenvolvimentista baseado em raízes comerciais retrógradas de uma economia neoliberal fracassada com relação a proteção do meio ambiente. Dito isso, e considerando as discussões ecológicas como um tema emergente que tem exigido da humanidade posicionamentos imperativos na criação de novas formas de produção que possam ir diminuindo os destroços cometidos contra a natureza, é importante observar como no Brasil as coisas parecem caminhar na contramão das principais decisões no novo milênio. O Presidente Jair Bolsonaro, num primeiro momento, havia decidido extinguir o Ministério do Meio Ambiente, pois acreditava que a pasta não cumpria alguma utilidade primordial. Pressionado decidiu mantê-lo e colocar no seu comando um advogado de nome Ricardo Salles, defensor de madeireiros e de ruralistas.

A política ambiental do governo de Jair Bolsonaro inclui um enfraquecimento nas fiscalizações, desmantelamento da Política Climática e um sinal verde para a exploração e a invasão de áreas de conservação. Esses são somente alguns dos pontos da política do governo. A indignação, por exemplo, de, pelo menos, 8 ex-ministros do Meio Ambiente do Brasil que representam 30 anos de avanços em políticas ambientais é notória com relação às ações governamentais:

Juntos, eles representam quase 30 anos de gestão ambiental, de diferentes governos, ligados a partidos políticos e correntes ideológicas distintas. Pela primeira vez na história, ex-ministros do Meio Ambiente dos governos Itamar Franco, Fernando Henrique, Lula, Dilma e Temer se reuniram para divulgar uma carta na qual denunciam, entre outras coisas, "o risco real de aumento descontrolado do desmatamento da Amazônia", "a perspectiva de afrouxamento do licenciamento ambiental travestido de 'eficiência de gestão'", além da constatação de que "a governança socioambiental no Brasil está sendo desmontada em afronta à Constituição.²⁶

Essa realidade catastrófica relatada na mencionada carta nasce do desconhecimento da situação ambiental do planeta, e no caso particular do Brasil representa os interesses daqueles que acumulam riquezas explorando os recursos naturais. O Presidente Jair Bolsonaro refere-se de forma pejorativa aos defensores ambientais como “xiitas ambientais”, demonstrando toda sua repulsa a aqueles que lutam pela preservação do meio ambiente. No dia 23 de julho de 2019 na inauguração do aeroporto de Vitória da Conquista, no estado da Bahia, o Presidente se referiu a Organizações Não Governamentais estrangeiras, como fundamentalistas comparando-as a grupos “extremistas”. Talvez, poderíamos agradecer o trabalho dessas organizações, mais que rejeitá-lo e mostrar a incompreensão do atual governo da problemática ambiental que afeta ao mundo, e ao Brasil em

²⁵ Gênesis 2. 15-17. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/nvi/gn/2/15-17>>. Acesso em: 20 de Ago. 2021.

²⁶ Psicose ambientalista de Bolsonaro. Disponível em: <<https://g1.globo.com/natureza/blog/andre-trigueiro/post/2019/07/29/psicose-antiambientalista-de-bolsonaro.ghtml>>. Acesso em: 24 de Ago. 2021.

particular: “O presidente disse que a “Baía de Angra” fatura quase nada com o turismo em razão do que classificou como “xiitas ambientais, desses que fazem campanha enorme contra o Brasil lá fora”.²⁷

Se juntamos os dois artigos tanto do portal de notícias G1 como também do jornalista André Trigueiro, percebemos que aqui é quase uma “afronta” aos novos tempos e a Constituição. Isso nos inspira também a questionar o slogan “*Brasil acima de tudo, Deus acima de Todos*”. Mais uma vez os ensinamentos religiosos, se contrastam com as ações depredadoras do governo, mas que se acomodam perfeitamente a um modelo de prosperidade que muitas igrejas neopentecostais, por exemplo, prometem a seus fiéis. Se pensarmos na lógica do progresso e do desenvolvimentismo no caminho da acumulação material, pensamos, certamente, em lucro desenfreado que em “nada” colabora para a proteção da natureza.

Outro elemento característico do governo Jair Bolsonaro no meio de tanta devastação ambiental e social, concebidas em suas práticas violentas contra o meio ambiente é sua clara vinculação com o agronegócio. O agronegócio faz parte de uma economia que, em alguns aspectos, não contempla certas práticas sustentáveis. Isso se evidencia na emissão exacerbada de carbono e gases de efeitos estufa que contribuem enormemente com o aquecimento global. Os números mostram que: “como o desmatamento tem relação direta com a abertura de pastos para o agronegócio, o relatório somou, para efeitos de análise, todas as emissões relacionadas à atividade rural e observou que elas respondem por 72% do total de emissões de carbono”.²⁸ O impacto ambiental provocado pelo agronegócio não é uma questão que tenha preocupado ao governo, pois apesar da exploração da natureza, trata-se de uma área da economia muito importante para o Brasil. Não por acaso, o governo reforça e apoia o seu crescimento.

O agronegócio possui papel fundamental na economia brasileira, mas seu desenvolvimento é acompanhado por crescentes preocupações com os impactos ambientais provocados pela agricultura e pecuária nos recursos naturais, que podem repercutir na biodiversidade, na disponibilidade hídrica, na qualidade do ar e do solo e na saúde humana.²⁹

Desse modo, podemos considerar que esse universo do agronegócio está dando a cara do “atraso” ao Brasil, ou seja, quando o mundo discute o futuro do meio ambiente, o Brasil caminha para um outro ponto, como se estivesse ainda se preparando para desenvolver políticas, e práticas antigas de um modelo de produção baseado na intervenção e na destruição da natureza. É um caminhar em direção oposta às políticas ambientais adotadas por muitos países. Como podemos perceber o agronegócio está vinculado intimamente ao desmatamento da Floresta Amazônica. Por óbvio, a temática não envolve somente ao Brasil, mas uma grande quantidade de países que ainda não projetaram uma visão de produção agrícola alternativa. Esse também se compõe em um ponto de contradição do governo de Jair Bolsonaro, que já tem dado provas suficientes de violência ambiental e no desmantelamento das leis de combate aos crimes ambientais. O seu entendimento carece de bom senso e não estabelece pontos de contato e de diálogo entre outras nações. Trata-se de um ponto de inflexão quando pensamos que é possível a construção de uma sociedade mais sustentável social e economicamente.

²⁷ Bolsonaro lança crítica a “xiitas ambientalistas” e diz ter “profunda repulsa” com quem não é brasileiro. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2019/07/23/bolsonaro-critica-xiitas-ambientais-e-diz-ter-profunda-repulsa-com-quem-nao-e-brasileiro.ghml>>. Acesso em: 24 de Ago. 2021.

²⁸ Idem.

²⁹ Impactos da expansão do agronegócio brasileiro na conservação dos recursos naturais. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/caderleste/article/view/13160>>. Acesso em: 22 de Ago. 2021.

No artigo “Fundamentalismo e extremismo não esgotam experiência do sagrado nas religiões”, do pastor Henrique Vieira, de 2018, podemos observar a análise da intolerância, como condição humana: “O fundamentalismo, portanto, acaba alimentando a intolerância, pois não consegue estabelecer pontos de contato e de diálogo com outras manifestações religiosas, dimensões culturais e visões de mundo”.³⁰ Dessa forma, nos parece claro, que a “maneira de fazer as coisas” da atual governança brasileira “re-nascida” e posicionada na construção de “seu” mundo de conspirações e efeitos simbólicos que tendem a atingir os sentimentos mais debilitados de uma parte da população. Ao mesmo tempo é fundamental saber que:

As novas direitas começaram a se organizar sem maiores recursos bem antes da reeleição de Dilma, entre o final do primeiro governo Lula e o início do segundo. Naquela época, surgiram na internet fóruns de discussão, blogs, sites e comunidades (principalmente na extinta rede social Orkut e, posteriormente, no Facebook), em que se discutiam temáticas relacionadas ao livre-mercado, à defesa de valores cristãos, e à conjuntura política nacional e internacional.³¹

Os instrumentos midiáticos utilizados por essa “re-nascida” extrema direita foram especialmente produzidos por um grupo que incluía partidos, famílias, paramilitares, religiosos e pessoas que se identificavam como “pessoas do bem”, que trabalhariam na criação de um paradigma político que representaria a Jair Bolsonaro nas eleições de 2018. Não poderíamos deixar de aludir à postura do governo com relação aos povos indígenas que não somente tem provocado “assombro” pela expansão da atividade agropecuária em território indígena, mas, também, pelo total desconhecimento por parte do governo da Constituição de 1988 na qual se alude aos direitos indígenas. Esta é a garantia que nossos povos indígenas tenham na caótica situação pela qual passam. Se depender do atual governo as terras indígenas seriam utilizadas para agropecuária e para os interesses do agronegócio.

Não obstante, a luta dos povos indígenas no momento atual está centrada no respeito às suas garantias constitucionais. Muitas entidades e organizações nacionais e internacionais tem se empenhado na denúncia pelo o cumprimento das leis. O reconhecimento do Brasil como uma nação multicultural ainda é uma luta que se trava, apesar dos avanços culturais e sociais que o país tem alcançado, o que muitas vezes nos faz pensar que a natureza do governo de Jair Bolsonaro está distante dessa percepção e perspectiva. Contudo, é bom frisar que temáticas de sustentabilidade e proteção ambiental dependem e incluem todos os setores da sociedade.

No entanto, é a Constituição de 1988, que realmente criou os fundamentos para uma transformação da situação dos índios brasileiros. Definindo o Brasil como um país multicultural, ela rompe com a ótica da assimilação que prevalecia até então e garante a preservação física, mas também cultural das minorias étnicas. Esses princípios sustentam uma série de direitos, tal como o ensino na própria língua, e em cima de tudo eles garantem direitos fundiários.³²

³⁰ Fundamentalismo religioso: quando a fé se torna intolerante. Disponível em: <<https://domtotal.com/noticia/1223083/2018/01/fundamentalismo-religioso-quando-a-fe-se-torna-intolerante/>>. Acesso em: 23 de Ago. 2021.

³¹ ROCHA, Camila. O ódio como política. A reinvenção das direitas no Brasil. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4476955/mod_resource/content/1/L.%20Bulgarelli%20Moralidades%20C%20direitas%20e%20direitos%20LGBTI.pdf>. Acesso em: 22 de Ago. 2021.

³² O governo Bolsonaro contra os povos indígenas as garantias constitucionais postas a prova. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/confins/22413#:~:text=5No%20entanto%2C%20C3%A9%20a,tamb%C3%A9m%20cultural%20das%20minorias%20C3%A9tnicas>>. Acesso em: 22 de Ago. 2021.

A lei contrasta com o projeto de nação da extrema-direita brasileira que refletem em um conservadorismo ideológico e impede a construção de uma sociedade pluralista e sustentável.

Conclusões

Não se vingue dos filhos do seu povo nem guarde ressentimento deles; ame o seu próximo como a si mesmo. Eu sou Jeová.³³

A negligência do governo Bolsonaro para com a saúde pública, representada no seu combate a pandemia do novo Coronavírus foi uma das razões pelas quais nasceu a presente análise. Uma análise que fica entreaberta pelo fato de que estamos vivenciando fatos e situações que realçam os efeitos catastróficos da pandemia nos mais de meio milhão de brasileiros mortos enquanto fruto de uma visão egocêntrica e fundamentalista que tem propiciado um morticínio injustificável para uma liderança que se identifica como “cristã”. Por outro lado, o Brasil representa mais de 40% dos mortos da América Latina, sendo o 2º país com mais mortos do mundo. Pensamos que estes números não podem deixar satisfeitos a nenhuma gestão governamental, seja ela da posição política que for.

A violação do direito à vida e que deve ser condenada por todos os seres humanos é um assunto que sempre deveria inspirar reflexões amplas que pudessem contribuir para a construção de um pensamento pluralista e inclusivo. Certamente, a pandemia revelou as feridas mais cruéis da nossa sociedade em sua conformação histórica de desigualdade social e exclusão. A coordenação entre o executivo, legislativo e judiciário caracteriza os valores democráticos e legítima que as instituições busquem a solução dos problemas por meio de práticas diárias na perspectiva constitucional. Centramos os nossos argumentos no levantamento da crise dentro de uma imposição errônea de um governo eleito de forma democrática e que expressa seus valores morais em um exagerado espectro fundamentalista que, em certo sentido, provoca uma paralisia na mediação entre os setores sociais.

Quando nos aproximamos dos ensinamentos bíblicos, não podemos imaginar que possa existir um Salvador que condene o seu povo a morte. A fantasia arquitetada de um “Salvador” e as ilusões criadas no imaginário do povo brasileiro, aos poucos, parecem desmoronar. A ideia de um “Messias” não se sustenta em seus fundamentos cristãos, pois contraria as pregações realizadas por Jesus Cristo. A verdade lentamente aparecerá, iluminará e recuperará a razão, e sensatez do povo brasileiro. Com isso, esperamos ter delineado um panorama dos problemas gerais que afligem a sociedade brasileira. Que os fatos relatados possam servir para nos questionarmos sobre o futuro e as promessas de igualdade e equidade sociais tão sonhadas.

Referências

AGRONEGÓCIO. Impactos da expansão do agronegócio brasileiro na conservação dos recursos naturais. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/caderleste/article/view/13160>>. Acesso em: 22 de Ago. 2021.

³³ Levítico 19.18 Disponível em: <<https://www.biblegateway.com/passage/?search=Lev%C3%ADtico%2019%3A18&version=RVR1960>>. Acesso em: 23 de Ago. 2021.

AZEVEDO, Aryovaldo de Castro; BIANCO, Erica Cristina V. O processo de mitificação de Bolsonaro: Messias, presidente do Brasil. Disponível em: <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/5> Acesso em: 18 Ago. 2021.

BONIS, Gabriel. O extremismo de direita que cresce no mundo e assusta a Alemanha. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53197469>. Acesso em: 22 de Ago. 2021.

BRASIL: 14 milhões de famílias na pobreza extrema, fome volta a mesa. Disponível em: <<https://observatorio3setor.org.br/noticias/brasil-com-14-milhoes-de-familias-na-pobreza-extrema-fome-volta-a-mesa/>>. Acesso em: 23 de Ago. 2021.

CASTRO, Azevedo, Aryovaldo de; BIANCO, Erica Cristina V. “O processo de mitificação de Bolsonaro: Messias, presidente do Brasil: O_processo_de_mitificacao_de_Bolsonaro_Messias_pre.pdf CPI da COVID: Executivo da Pfizer confirma que governo Bolsonaro ignorou ofertas de 70 milhões de doses de vacinas. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57104347>>. Acesso em: 23 de Ago. 2021.

CRUZ, Isabela. O descontrole de Bolsonaro. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/06/21/O-descontrole-de-Bolsonaro-diante-de-perguntas-da-imprensa>>. Acesso em: 23 de Ago. 2021.

DATAFOLHA. Evangélicos são ex-católicos. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2016/12/1845231-44-dos-evangelicos-sao-ex-catolicos.shtml>. Acesso em: 22 de Ago. 2021.

DUARTE, Macedo. Negação da Política e Negacionismo como política: Pandemia e democracia. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/DsjZ343HBXtdVySJcgmX3VS/?lang=pt>. Acesso em: 23 de Ago. 2021.

EVANGELHO de João 6.5. Disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/sao-joao/6/> Acesso em: 19 de Ago. 2021.

EVANGELHO de Mateus 5.3-9. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/aa/mt/5/3-9>. Acesso em: 22 de Ago. 2021.

EVANGELHO de Mateus 6.19-20. Disponível em: <https://www.bible.com/pt/bible/1930/MAT.6.19-21.NVT>. Acesso em: 19 de Ago. 2021.

GÊNESIS 2. 15-17. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/nvi/gn/2/15-17>>. Acesso em: 20 de Ago. 2021.

GESTÃO. O Brasil fez a pior gestão do mundo na pandemia. Disponível em: <https://cnts.org.br/noticias/brasil-fez-a-pior-gestao-do-mundo-na-pandemia-diz-estudo/>. Acesso em: 22 de Ago. 2021.

INDÍGENAS. O governo Bolsonaro contra os povos indígenas. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/confins/22413#:~:text=5No%20entanto%2C%20C3%A9%20a,tamb%C3%A9m%20cultural%20das%20minorias%20C3%A9tnicas>>. Acesso em: 22 de Ago. 2021.

INTOLERÂNCIA. Fundamentalismo religioso. Disponível em: <<https://domtotal.com/noticia/1223083/2018/01/fundamentalismo-religioso-quando-a-fe-se-torna-intolerante/>>. Acesso em: 23 de Ago. 2021.

LEVÍTICO 19.18. Disponível em: <<https://www.biblegateway.com/passage/?search=Lev%C3%ADtico%2019%3A18&version=RVR1960>>. Acesso em: 23 de Ago. 2021.

MARIANO, Ricardo. Entrevista para Revista do Instituto Humanitas Unisinos IHU online em 17 de maio de 2010 – (Edição 329). Pentecostalismo no Brasil. Cem anos. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/329>. Acesso em: 24 de Ago. 2021.

MARIANO, Ricardo. O pentecostalismo no Brasil, cem anos depois. Uma religião dos pobres. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao329.pdf>. Acesso em: 22 de Ago. 2021.

MITO. Uma análise da construção de imagem por meio de estratégias da mitologia. Disponível em: <Nacionalismo exacerbado Mito R14-1692-1.pdf>. Acesso em: 23 de Ago. 2021.

MONTENEGRO, Fernando. De onde vem o slogan “Brasil acima de tudo?” Disponível em: <https://jornalhoraextra.com.br/coluna/de-onde-vem-o-slogan-brasil-acima-de-tudo/>. Acesso em: 23 de Ago. 2021.

NATUREZA. Psicose ambientalista de Bolsonaro. Disponível em: <<https://g1.globo.com/natureza/blog/andre-trigueiro/post/2019/07/29/psicose-antiambientalista-de-bolsonaro.ghtml>>. Acesso em: 24 de Ago. 2021.

NICODEMUS, Augustus. Novos Evangélicos. Entrevista. Disponível em: <http://temporares.blogspot.com/2010/08/novos-evangelicos.html>. Acesso em: 22 de Ago. 2021.

PASTOR evangélico mais rico do Brasil. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/517059-com-fortuna-de-r-2-bilhoes-edir-macedo-e-o-pastor-evangelico-mais-rico-do-brasil-diz-revista>. Acesso em: 22 de Ago. 2021.

REPULSA. Bolsonaro lança crítica a “xiitas ambientalistas” e diz ter “profunda repulsa” com quem não é brasileiro. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2019/07/23/bolsonaro-critica-xiitas-ambientais-e-diz-ter-profunda-repulsa-com-quem-nao-e-brasileiro.ghtml>>. Acesso em: 24 de Ago. 2021.

ROCHA, Camila. O ódio como política. A reinvenção das direitas no Brasil. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4476955/mod_resource/content/1/L.%20Bulgarelli%20Moralidades%2C%20direitas%20e%20direitos%20LGBTI.pdf>. Acesso em: 22 de Ago. 2021.

UGEDA JÚNIOR, José Carlos. Urbanização brasileira, planejamento urbano e planejamento da paisagem. Disponível em: <<http://www.ambiente-augm.ufscar.br/uploads/A2-151.pdf>>. Acesso em: 19 de Ago. 2021

VARGAS. Hugo Arturo Cardoso. El origen del neoliberalismo: três perspectivas. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/676/67601812.pdf>. Acesso em: 19 de Ago. 2021.

VENDRAMINI, Fernanda Gallo. A Teologia da prosperidade e o discurso da Igreja Universal do Reino de Deus. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/semanacsoc/pages/arquivos/GT%201/Fernanda%20Vendramini%20Gallo.pdf>. Acesso em: 22 de Ago. 2021.

VIEIRA, Henrique. *O ódio como política*. A reinvenção das direitas no Brasil. GALLEGO, Esther Solano (Org.). Boitempo Editorial. São Paulo, 2018.

VIEIRA, Jhennifer de Almeida. A ascensão e influência das igrejas pentecostais no Brasil. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/explicado/2020/04/19/A-ascens%C3%A3o-e-influ%C3%Aancia-das-igrejas-neopentecostais-no-Brasil>>. Acesso em: 22 de Ago.2021.